

The background of the book cover is a complex geometric pattern. It features a grid of light blue lines on a white background. Overlaid on this grid are various shapes in shades of green and yellow, including triangles, hexagons, and larger irregular polygons. The colors range from a pale lime green to a deep forest green, with some bright yellow accents. A large, white rectangular box with a thin black border is centered on the cover, containing the title text.

# Livro de Poemas

# Quinhentismo

## Jesus na Manjedoura (Padre José de Anchieta)

- Que fazeis, menino Deus,  
Nestas palhas encostado?  
Jazo aqui por teu pecado

- Ó menino mui formoso,  
Pois que sois suma riqueza,  
Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso  
E de graça mui colmado,  
Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,  
Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,  
Em que jazo embrulhado,  
Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,  
Pois sois Deus de eternidade,  
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem  
E te dar eterno estado,  
Tal me fez o teu pecado.

# Barroco

## **Ao braço do mesmo Menino Jesus quando nasceu (Gregório de Matos)**

O todo sem a parte não é todo,  
A parte sem o todo não é parte,  
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,  
Não se diga, que é parte, sendo todo.

Em todo o Sacramento está Deus todo,  
E todo assiste inteiro em qualquer parte,  
E feito em partes todo em toda a parte,  
Em qualquer parte sempre fica o todo.

O braço de Jesus não seja parte,  
Pois que feito Jesus em partes todo,  
Assiste cada parte em sua parte.

Não se sabendo parte deste todo,  
Um braço, que lhe acharam, sendo parte,  
Nos disse as partes todas deste todo

# Arcadismo

## Lira XXIII (Tomás Antônio Gonzaga)

Não praguejes, Marília, não praguejes  
a justiceira mão que lança os ferros;  
não traz de balde a vingadora espada;  
deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem  
as mãos se deram e em seu peito moram.  
Manda prender ao Réu, austera a boca, porém  
seus olhos choram.

Se à inocência denigre a vil calúnia,  
que culpa aquele tem, que aplica a pena?  
Não é o Julgador, é o processo  
e a lei, quem nos condena.

Só no Averno os Juízes não recebem  
acusação nem prova de outro humano;  
aqui todos confessam suas culpas,  
não pode haver engano.

(...)

# Romantismo

## A Beleza (Gonçalves de Magalhães)

Oh Beleza! Oh potência invencível,  
Que na terra despótica imperas;  
Se vibras teus olhos  
Quais duas esferas,  
Quem resiste a teu fogo terrível?

Oh Beleza! Oh celeste harmonia,  
Doce aroma, que as almas fascina;  
Se exalas suave  
Tua voz divina,  
Tudo, tudo a teus pés se extasia.

A velhice, do mundo cansada,  
A teu mando resiste somente;  
Porém que te importa  
A voz impotente,  
Que se perde, sem ser escutada?

Diga embora que o teu juramento  
Não merece a menor confiança;  
Que a tua firmeza  
Está só na mudança;  
Que os teus votos são folhas ao vento.

Tudo sei; mas se tu te mostrares  
Ante mim como um astro radiante,  
De tudo esquecido,  
Nesse mesmo instante,  
Farei tudo o que tu me ordenares.

Se até hoje remisso não arde  
Em teu fogo amoroso meu peito,  
De estóica dureza  
Não é isto efeito;  
Teu vassalo serei cedo ou tarde.

Infeliz tenho sido até agora,  
Que a meus olhos te mostras severa;  
Nem gozo a ventura,  
Que goza uma fera;  
Entretanto ninguém mais te adora.

Eu te adoro como o anjo celeste,  
Que da vida os tormentos acalma;  
Oh vida da vida,  
Oh alma desta alma,  
Um teu riso sequer me não deste!

Minha lira que triste ressoa,  
Minha lira por ti desprezada,  
Assim mesmo triste,  
Assim malfadada,  
Teu poder, teus encantos pregoa.

Oh Beleza, meus dias bafeja,  
Em teu fogo minha alma devora;  
Verás de que modo  
Meu peito te adora,  
E que incenso ofertar-te deseja.

# Realismo

## **Livros e Flores (Machado de Assis)**

Teus olhos são meus livros.

Que livro há aí melhor,

Em que melhor se leia

A página do amor?

Flores me são teus lábios.

Onde há mais bela flor,

Em que melhor se beba

O bálsamo do amor?

# Naturalismo

## **Pobre Amor (Aluísio Azevedo)**

Calcula, minha amiga, que tortura!  
Amo-te muito e muito, e, todavia,  
Preferira morrer a ver-te um dia  
Merecer o labéu de esposa impura!

Que te não entorneça esta loucura,  
Que te não mova nunca esta agonia,  
Que eu muito sofra porque és casta e pura,  
Que, se o não foras, quanto eu sofreria!

Ah! Quanto eu sofreria se alegrasses  
Com teus beijos de amor, meus lábios tristes,  
Com teus beijos de amor, as minhas faces!

Persiste na moral em que persistes.  
Ah! Quanto eu sofreria se pecasses,  
Mas quanto sofro mais porque resistes!

# Parnasianismo

## A Estátua (Teófilo Dias)

Fosse-me dado, em mármore de Carrara,  
Num arranco de gênio e de ardimento,  
Às linhas do teu corpo o movimento  
Suprimindo, fixar-te a forma rara,

Cheio de força, vida e sentimento,  
Surgira-me o ideal da pedra clara,  
E em fundo, eterno arroubo, se prostrara,  
Ante a estátua imortal, meu pensamento.

Do albor de brandas formas eu vestira  
Teus contornos gentis; eu te cobrira  
Com marmóreo cendal os moles flancos,

E a sôfrega avidez dos meus desejos  
Em mudo turbilhão de imóveis beijos  
As curvas te enrolara em flocos brancos.

# Simbolismo

## **Acrobata da dor (Cruz e Souza)**

Gargalha, ri, num riso de tormenta,  
como um palhaço, que desengonçado,  
nervoso, ri, num riso absurdo, inflado  
de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta,  
agita os guizos, e convulsionado  
Salta, gavroche, salta clown, varado  
pelo estertor dessa agonia lenta...

Pedem-te bis e um bis não se despreza!  
Vamos! reteza os músculos, reteza  
nessas macabras piruetas d'aço...

E embora caias sobre o chão, fremente,  
afogado em teu sangue estuoso e quente,  
ri! Coração, tristíssimo palhaço.

# Pré-Modernismo

## **Página Vazia (Euclides da Cunha)**

Quem volta da região assustadora  
De onde eu venho, revendo, inda na mente,  
Muitas cenas do drama comovente  
De guerra despiedada e aterradora,

Certo não pode ter uma sonora  
Estrofe ou canto ou ditirambo ardente  
Que possa figurar dignamente  
Em vosso álbum gentil, minha senhora.

E quando, com fidalga gentileza  
Cedestes-me esta página, a nobreza  
De nossa alma iludiu-vos, não previstes

Que quem mais tarde, nesta folha lesse,  
Perguntaria: “Que autor é esse  
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?”

# Modernismo

## Arte de Amar (Manuel Bandeira)

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus — ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.